

“Écrire à l'écrivain”, *Textuel*, n° 27, 1994, e número especial do *Romantisme*, “J'ai toujours aimé les correspondances...”, n° 90, 1995-4). Em 1999, coordenou o seminário AIRE (“Usos biográficos e autobiográficos do gênero epistolar,” bem como o seminário geral da equipe “Século XIX” de Paris 7 sobre as sociabilidades literárias).

O Manuscrito, “Inventário de Dúvidas”

entrevista com Milton Hatoum

Por Verónica Galíndez Jorge / Universidade de São Paulo e
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

O ESCRITOR Milton Hatoum, embora não se considere especialista em manuscritos, conhece o trabalho desenvolvido em crítica genética há algum tempo. A Prof^a Dr^a Maria da Luz Pinheiro de Cristo, pesquisadora ligada ao Laboratório do Manuscrito Literário, estuda os manuscritos cedidos por ele, desde o início de sua dissertação de mestrado. Começou, portanto, estudando *Relato de um certo oriente* e, no doutorado, incorporou à sua análise a leitura dos manuscritos de *Dois irmãos*. Agora na pesquisa de pós-doutorado pretende analisar o último lançamento do escritor: *Cinzas do Norte*. Tudo isso vem sendo acompanhado de perto pelo escritor, que passou a emprestar à pesquisadora seus manuscritos de trabalho chegando a incluí-la entre seus leitores que antecedem a publicação.

Segue a conversa informal que tivemos a respeito de manuscritos, literatura brasileira contemporânea e projetos em andamento.

Manuscritica: Como organiza seu material?

Milton Hatoum: Tenho muitas folhas esparsas e não gosto de usar

Diálisis

notebook. Trabalho em computador, mas só tenho o *desktop* de casa. Quando viajo prefiro não levar computador, porque tenho medo de perdê-lo ou de ser roubado. Gosto muito de trabalhar com os papéis de carta dos hotéis. Gosto de hotéis. São mais tranquilos, não têm as distrações de casa, o telefone. No geral sou bastante disciplinado; quando estou em um projeto, não deixo de escrever, onde quer que esteja. Em Manaus gosto de escrever a mão. Quando estou no computador sempre imprimo o que está escrito.

M.: Faz pesquisa?

M.H.: Sempre pesquiso. Para *Cinzas do Norte*, por exemplo, pesquisei Parintins antes de escrever. Revisitei lugares, pois conheço a Vila Amazônia desde os treze anos. Viajava no iate do pai de meu amigo, que era o comendador. A própria família Matoso foi inspirada em uma família local. Esse retorno já havia sido pensado desde o projeto, que por sinal era bem antigo. Sou bastante desorganizado nesse sentido; misturo muito as anotações relativas a projetos diferentes. Sempre tenho projetos paralelos e acaba ficando tudo muito misturado.

M. Em que projetos está trabalhando no momento?

M.H.: Estou terminando uma novela. É um livro encomendado, que faz parte de um projeto temático. Para este, em particular, não houve pesquisa exaustiva.

M. Como se situa no cenário literário?

M.H.: Sou um escritor do século XIX, ainda sou um narrador. Essa, por sinal, parece ser uma crítica feita ao meu trabalho. Um pesquisador do Rio de Janeiro que escreveu sobre meu trabalho se pergunta se eu não seria o último modernista. É uma questão relacionada ao narrador, que me liga ao século XIX. Nunca quis derrubar Osman Lins. Talvez seja o "penúltimo afrancesado".

M. Seus manuscritos mostram comentários feitos por vários leitores. Como são trabalhadas essas leituras?

M.H.: O *Relato* teve mais leituras. O João Alexandre [Barbosa], o Davi Arrigucci Jr., o Raduan [Nassar]... Com o tempo vai ficando mais difícil. As pessoas têm pouco tempo. Quando os reparos são reiterados nas leituras, mudo. Eu me desvisto de toda autoridade, até da autoria. A versão final é compartilhada e tem muitos acréscimos, supressões, mudanças. Tenho dois editores e gosto muito de trabalhar assim, pois o olhar do outro é fundamental. Minha esposa também lê os manuscritos. Tenho livros não publicados esperando esse processo, que julgo muito importante e que está desaparecendo. O trabalho é solitário até certo ponto. O interessante é que surge outro manuscrito.

M. Fale um pouco mais sobre livros não publicados.

M.H.: Um outro romance, epistolar, que está abandonado. Chama-se *As cartas femininas*. Tenho contos também. É que tudo é muito demorado. Para o *Cinzas do Norte* levei quatro anos escrevendo, mas comecei a pensar no projeto nos anos 1980. Toda a narrativa do tio Ran foi escrita depois de terminado. Tive um impulso meio faulkneriano ao longo de oito ou dez meses. Era uma voz mais coloquial, mais sarcástica, mais solta. Tive que voltar a Manaus, para rever o morro da Catita.

M. Como lida com os críticos de seus manuscritos?

M.H.: Eles têm mais intimidade com os manuscritos do que eu. Os manuscritos revelam momentos de hesitação, de fracasso. São um inventário de dúvidas. Eu mesmo não as entendo, pois elas têm que ser superadas. Um livro pode ser sempre reescrito, pois há um movimento corporal do inconsciente que está lá. Um gesto pode mudar a frase. O manuscrito também ilustra um estado de espírito.

Diálogo